

TABULEIRO DE LETRAS

UM DIÁLOGO SOBRE (N)AÇÃO NO NARRADO FEMINIL EM *MEMÓRIAS SOMÂNTICAS*, DE ABDULAI SILA

A DIALOGUE ON NATION IN FEMALE NARRATION IN *MEMÓRIAS SOMÂNTICAS*, BY ABDULAI SILA

Sebastião Marques Cardoso⁴
Jonh Jefferson do Nascimento Alves⁵

RESUMO: O presente estudo versa sobre a narrativa da nação como representação do desejo coletivo Bissau-guineense no romance *Memórias SOMânticas* (2016), de Abdulai Sila. O texto indaga o quanto os projetos e sonhos nacionalistas guineenses foram realmente alcançados passados 44 anos da independência do país e 20 anos da primeira guerra civil no estado africano, tendo em vista a instabilidade política e os falhanços econômicos na atualidade. Na abordagem, buscamos questionar as identidades e os artefatos que sugerem os conflitos internos e externos, ressaltando ainda na temática pós-colonial a perspectiva do autor enquanto sujeito e voz coletiva de uma sociedade complexa e atual.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; Pós-colonialismo; Narrativa da Nação; Identidade Nacional; Abdulai Sila.

ABSTRACT: The present study deals with the narrative of the nation as a representation of the collective Bissau-Guinean desire in the novel *Memórias SOMânticas* (2016), by Abdulai Sila. The text explores how Guinea-Bissau nationalist projects and dreams were actually achieved after 44 years of the country's independence and 20 years of the first civil war in the African state in view of political instability and current economic failures. In the approach, we seek to question the identities and artifacts that suggest internal and external conflicts, emphasizing in the postcolonial the perspective of author as subject and collective voice of a complex and current society.

Keywords: Guinea-Bissau; Postcolonialism; Narrative of the Nation; National Identity; Abdulai Sila.

⁴ Professor Adjunto de Teoria Literária da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: sebastiaoamarques@uol.com.br;

⁵ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras-PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: john.jj@ig.com.br.

Introdução

Guiné-Bissau é um Estado africano de “dimensões limitadas” que, contrariamente às suas fronteiras, sempre foi, segundo alguns estudiosos e historiadores, dos territórios em África o que apresentou maior resistência ao poder colonial da metrópole portuguesa. Apesar de protagonizar a mais longa luta pela libertação nacional das colônias antigas, o país foi o primeiro a proclamar sua independência, em 24 de setembro de 1973, obtendo o reconhecimento de Portugal em setembro de 1974. Nos últimos 20 anos, a Guiné-Bissau viveu sucessivas e tumultuosas transformações, num contexto marcado pela proliferação de vários partidos políticos, fator que tem depreciado fortemente a política nacional e propagado o autoritarismo partidário.

A despeito de toda dificuldade e do preocupante condicionamento político, a Guiné-Bissau é um lugar de expressiva solidariedade e de efervescente cultura. Na literatura dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), o País possui uma das mais retumbantes vozes de seu território, trazendo em muitos de seus textos toda a projeção histórica, social e cultural vivida por seu povo. Em suas narrativas, é clara a necessidade de protestar contra as mazelas experienciadas e de sugerir novos caminhos a serem adotados. Abdulai Sila é natural da cidade de Catió, ao sul da Guiné-Bissau. O engenheiro e ficcionista guineense se mostra comprometido com o país, revelando aspectos sociais estranhos para o público exógeno, mas corriqueiros para a população autóctone. A sua literatura tem por maior intento propor uma reflexão sobre a construção histórica e identitária da Nação.

Nas palavras de Moema Parente Augel, a produção ficcional silariana se apresenta como uma espécie de “espelho crítico da sociedade”. (AUGEL, 1998, p. 19), ajudando a lançar luz sobre o inconsciente coletivo da população, prevendo tensões e conflitos desencadeados no país. Tal compromisso social não é exclusividade de Sila, ou seja, a produção literária contemporânea da Guiné-Bissau reflete, na sua variedade e de forma muito especial, os anseios e as preocupações da elite intelectual urbana, sobretudo na fase atual, revestindo-se de uma forma que beira o poético e o mágico, assemelhando-se, em muito, aos escritos do brasileiro Guimarães Rosa e do colombiano Gabriel García Márquez.

Dos seus textos, puxamos *Memórias SOMânticas* (2016), para apresentar a tessitura do romance atual do país, além dos aspectos políticos e sociais que ainda imperam. Esse é o quarto romance do escritor que possui ainda outras modalidades literárias como dramas, contos e várias publicações pela revista Bissau-guineense *Tcholona*. Acompanhando o fio narrativo desse romance, cuja profundidade do narrado ultrapassa sobremaneira a extensão física do gênero,

encontramos uma mulher anônima que narra sua história de vida, como ela é, e não como as pessoas querem que seja, passando por momentos diversos até encontrar o verdadeiro amor no olhar de cada um compatriota. Para Sila, a obra é um contributo para a Guiné-Bissau nesse momento particular que o país atravessa, quando muitas pessoas não se mostram dispostas a dialogar e ouvir umas às outras. Na visão de escritor, *Memórias SOMânticas* poderá servir de ferramenta para repensar aquilo que pode ser feito para colocar a Nação acima de tudo e deixar as rivalidades de lado.

A proposta deste trabalho será o de apresentar o narrado silariano no qual se configura uma representação coletiva protagonizada pela personagem feminina, uma nítida referência à África mãe e acolhedora, relatando os apagamentos produzidos por uma vida de conflitos internos e externos que, apesar das desavenças, continua a arder em esperança nesse novo mundo em que a maldade e os sofrimentos não poderão existir. Nele ainda buscamos a configuração do nacionalismo que recupera a palavra e a bênção, fazendo com que a magia da narração sustente os novos limites da nação, muito além do verbo e da doutrina. Para tanto, fazemos um diálogo entre o romance de Abdulai Sila, *Memórias SOMânticas*, e outras vozes que irão cotejar com o autor guineense na fundamentação deste trabalho.

Linguagem e Significação da Narrativa

*Un individu n'est pas distinct de sa place; il est sa place même.
[Um indivíduo não é distinto do seu lugar; ele é o lugar dele.]*

Gabriel Marcel⁶

O pensamento inicial do filósofo, dramaturgo e compositor francês Gabriel Marcel direciona-nos para a questão latente do contexto de pós-colonialidade em África mais uma vez, alargando uma reflexão na qual a fragmentação ocasionada pelos históricos conflitos coloniais se mostra vivificada nas memórias e na expressão do narrado. O ser e o espaço se constituem aqui eixos sobre os quais se estruturaram algumas das reflexões empreendidas. Os elementos que os interligam oferecem valores semânticos diversificados às relações que ali se configuram; “ser” e “espaço” passam a constar um no outro, de modo que, mais do que paralelizados, eles

⁶ Gabriel Honoré Marcel foi um filósofo, dramaturgo e compositor francês ligado à tradição fenomenológico-existencial.

estão enfeixados, entrecruzados, fato que se nutre no pensamento de Roberto DaMatta (1997), ao afirmar que “o espaço é como o ar que se respira”, e mais ainda em Vanessa Kukul (2005), citando que:

Vigilantes ou sonhadores, a maioria de nós compreende que existir significa habitar. Habitamos espaços reais e espaços imaginários. Estes, não raramente, designam nossa psiquê e aqueles nos situam espacialmente no universo e nos revelam [...]. Os espaços são vividos em sua realidade e em sua virtualidade. (KUKUL, 2005, p. 19).

Acerca disso, pode-se inserir com ganhos intencionais a categoria ‘tempo’, por subliminarmente se mostrar operante na completude semântica da expressão ‘ser e espaço’, perfazendo uma clara referência ao pensamento do célebre filósofo Martin Heidegger em sua obra *Ser e tempo* (2009). Para o autor, o ser está vinculado à existência, ao seu próprio acontecimento e o caminho para o conhecimento do ser parte do próprio homem, de seus questionamentos e reflexões. A obra de Sila apresenta-nos um ser enquanto conceito universal e indefinível. Diferenciando a noção de ser e ente (coisa), Heidegger afirma que o homem é um “ente inacabado”, que se reconstrói constantemente. Tendo a morte como horizonte e limite do futuro, o homem deve retomar-se a cada momento, unir presente e passado e sua existência estará, portanto, vinculada à temporalidade.

Esse breve perpassar nos artefatos existenciais da filosofia humana diz respeito, para nós, exclusivamente ao universo do texto ficcional, que aqui se apresenta e ganha contornos na obra *Memórias SOMáticas*. Tal afirmativa torna imperativo um importante ajuste na denominação sobre o cerne empreendido. Nesse sentido, o mais apropriado é afirmar que são as relações entre personagem, espaço e narrativa que, efetivamente, constituem o ponto central deste estudo. O crítico Anatol Rosenfeld parece concordar com esse ponto de vista, ao afirmar que “é [...] a personagem que com mais nitidez torna patente à ficção” (2005, p. 21). Portanto, se o substantivo “ser” pode referir-se tanto a um eu-biográfico quanto a um eu-fictício, o termo “personagem” restringe o sentido do termo, associando-o exclusivamente ao universo literário. No macrocosmo pós-colonial tal contexto é até evidente, porém, não se dá em sua totalidade. Isso porque este, em muitos momentos, transborda a ficcionalização e projeta a mais translúcida realidade.

A obra de Abdulai Sila se descortina delineando no âmbito da teoria e da história literária africana categorias para além das supracitadas, sendo importante levar em consideração que

o isolamento de algumas delas, embora necessário do ponto de vista do recorte teórico-acadêmico, não passa de um imperativo didático. Para Antonio Candido,

É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. (CANDIDO, 2005, p. 53).

Desse ponto de vista buscamos o ensejo que a narrativa é um objeto compacto e intrincável, todos os seus fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros, sobretudo no que diz respeito às histórias e às memórias na composição das identidades em ambientes ex-colonizados como a Guiné-Bissau. Todo recurso da análise não deve servir de mutilação da narrativa, mas haurir, de modo disciplinado, as potencialidades que esse texto faculte em seus aspectos teóricos, históricos e identitários.

Abdulai Sila, em *Memórias SOMânticas*, nos apresenta uma protagonista não nomeada que reivindica uma voz narrativa na construção da história, contestando não somente determinados pressupostos ideológicos, mas também a racionalidade androcêntrica presente em muitos contextos de África. Nesse processo literal de emancipação da mulher africana, concomitante com o ambiente pós-colonial, revela-se, porém, a produção de outras relações de opressão e de outras subalternidades como vistas na narração das desventuras com o toque da alternância de temporalidade. Tal estratégia permite-nos experienciar vários momentos que em pontos específicos aproxima-se de um “diário de bordo”, servindo tanto para relatar quanto para questionar as utopias da vida:

Quando perdemos a capacidade de questionar ganhamos uma prenda vitalícia: um cérebro oco. Com um cérebro oco a vida é uma coisa; ela é outra coisa completamente diferente quando libertamos o pensamento e, encarando a vida de mente aberta e alerta, nela procuramos o inverossímil. Enquanto indomada, a vida regenera-se colorida, reequaciona permanentemente a razão e faz brotar a paixão. É quando podemos fazer dela o que os incautos jamais serão capazes de prever. (SILA, 2016, p. 14).

A prospecção da personagem hasteia um mundo de conotações relacionais, na verdade, um pretexto para a criação da verossimilhança entre as histórias e as memórias de um ambiente pós-colonial que ainda vivencia as amarras e os conflitos do contato com o espoliador. Ao que

parece – e que na realidade é muito comum nos textos silarianos – a narrativa se apresenta com um tom de parábola, que arregimenta ensinamentos para a vidas futuras. O excerto seguinte evidencia essa realidade: “Vezes sem conta a vida me iludiu. A fé desafiando a logica, a frustração ameaçando a dignidade num ciclo desgraçadamente longo” (SILA, 2016, p. 15). Efetivamente, não são poucos os momentos do livro em que a ação narrativa é suspensa, a fim de que sejam enxertados comentários judiciosos sobre as ações ou sobre o caráter dessa ou daquela personagem.

Algo que chama atenção, ainda sobre a protagonista, é o fato de, como citado anteriormente, ela não ser nomeada: “Os anos passaram, deixando esperanças quase caducas, a incerteza de uma existência digna do nome. Nas noites de indecisão procurei a luz redentora, nos vestígios da luta pela afirmação procurei amparo”. (p. 15). A ausência de um nome próprio na literatura geralmente aponta para o fato de a identidade da personagem ser de tal forma fraturada e inconsistente que nem sequer consegue se caracterizar por meio de sua própria alcunha, elemento primeiro que singulariza um indivíduo. Fato confirmado em Jean Chevalier (2009), para quem o nome próprio, bem mais que um signo de identificação, configura-se como uma dimensão do indivíduo.

Entretanto, contrariando tais excertos Abdulai Sila parece criar intencionalmente uma personagem não nomeada justamente para, em suas desventuras, interações, sentimentos e pensamentos, referenciar uma coletividade e não o fechamento na singularização do indivíduo. A protagonista, por essa característica, se insere fortemente no campo das representações coletivas em África. Em Emile Durkheim (2011), interpretamos que, na literatura, isso parte de um conceito de consciência coletiva para chegar às representações. O objetivo é justamente fixar, conceitual e empiricamente, uma realidade considerada como estando fora do indivíduo, fora de sua consciência individual:

O conjunto de crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado, que tem sua vida própria; pode-se chamá-lo de consciência coletiva ou comum. Sem dúvida, ela não tem por substrato um órgão único; ela está, por definição, difusa em toda extensão da sociedade. [...] Com efeito, ela é independente das condições particulares onde os indivíduos se encontram; eles passam e ela continua. [...] Ela é o tipo psíquico da sociedade, tipo que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, assim como os tipos individuais ainda que de outra maneira. (DURKHEIM, 2011, p. 81).

A passagem demonstra a consciência coletiva enquanto conjunto de crenças e sentimentos comuns. Esse sistema tem vida própria e contínua. Os indivíduos passam, ela não. Durkheim reforça a ideia de que essa consciência (coletiva ou comum) está “difusa” na sociedade. Espalha-se e não pertence a ninguém, é o tipo “psíquico da sociedade”. A partir daí pode-se afirmar que suas “funções especiais” são “sistemas de representações e de ações” que se encontram “fora da consciência comum”. A imagem de tempos de desassossego, de mal-estar, comuns em espaços de transição, como evidenciados na Guiné-Bissau, na conduta e pensamentos da protagonista, corroboram e nos remetem ainda ao conceito de “entre-lugar”, desenvolvido por Homi Bhabha.

Para o teórico, são estes “entre-lugares” que possibilitam “a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade, postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1998, p.20). A heroína silariana expõe frequentemente suas vivências para representar na obra a filha renegada, a órfã, a enteada, a sobrinha adotada, a irmã, a esposa, a mãe, a viúva e, acima de tudo, a mulher negra que batalhou como toda mulher nesse “entre-lugar” social e cultural.

É nessa perspectiva que Abdulai Sila imprime em *Memórias SOMânticas* o universo feminino, (re)criando uma coletividade que se faz na imagem da mulher negra, mas que deixa evidente as especificidades que nelas existem, sem que perca a essência da cultura e do nacional. Tais características se mostram evidentes quando a personagem demonstra uma necessidade significativa de transformação da ordem, questionando a obrigatoriedade de pertencer a um homem. Não por se mostrar reacionária ao fato, mas por associar o ‘pertencimento’ a uma condição de subalternidade e dominação típicas dos padrões eurocêntricos vivenciados por ela:

Mas será que uma mulher tem que pertencer sempre a um homem? E se aquilo que ia vendo aqui e ali, de uma forma flagrante ou dissimulada, fosse a resposta? Não podia haver uma forma mais harmoniosa de relacionamento, um outro tipo de convivência que não a baseada na dominação? A noite e o dia coabitam pacificamente, dando cotidianamente lições de complementaridade. Por que não se valoriza esse ensinamento? Por que tanto culto de autoridade se é na harmonia que está o verdadeiro sentido da vida? [...] Queria uma resposta que me sossegasse, que me desse esperança no amanhã, que me fizesse esquecer o fardo de um passado de submissão e apontasse a emancipação como meu destino certo. (SILA, 2016, p. 33).

É interessante reafirmar, a partir do fragmento, que o autor adentra o universo feminino, dando voz a uma personagem que questiona e clama proferindo axiomas num direcionamento maior, baseando-se inclusive num histórico nacional. O narrador, por meio do espontâneo pensamento da protagonista, supostamente sem nenhum valor aparente, propõe ensinamentos de vivências e consciência sobre a coletividade. Zinane (2006, p. 49) agrega a esse pensamento, afirmando que “a constituição do sujeito feminino é um processo com raízes históricas que implica transformações relevantes na sociedade, uma vez que a mudança da mulher acarreta modificações nos papéis sociais que deixam de ser fixos e definidos, tornando-se abertos e indeterminados”.

Quantas nações a história é capaz de narrar?

Paralelamente à ficcionalização silariana, a história da Guiné-Bissau se mostra viva protagonizando a trama como sendo ela mesma a narrar suas memórias. Acerca disso, é importante comentar, por ter larga visibilidade em *Memórias SOMânticas*, que a Guiné-Bissau tem sido considerada o lugar onde o expansionismo português encontrou mais resistências, sistematicamente criando focos contra a dominação, herança esta que veio a ser determinante para a luta de libertação. Em Basil Davidson, observamos que:

Esta longa resistência influenciou decisivamente as atitudes das populações rurais africanas da Guiné-Bissau [...]. Para eles, os europeus constituíram sempre um perigo [...] seja pelo tráfico de escravos dos velhos tempos, seja pelas invasões militares de épocas mais recentes. (DAVIDSON, 1975, p. 33).

Nessa perspectiva, o percurso de quem participou nas lutas de libertação, longe de começar com a guerra, se inscreve num período de tempo muito mais longo, que é o da colonização portuguesa, tempo marcado por inúmeras dinâmicas de resistência. Tal aspecto se torna atávico nesse contexto e muito mais no intento literário contemporâneo. Tudo isso se mostra pertinente em vários momentos das vivências da protagonista e de outras personagens na trama. Esta hodiernamente tenta construir e (a)firmar sua identidade nacional forjada nessa resistência: “— Vamos ser Africanos! [...] Olha pra mim, vamos construir a nossa nação Africana e deixar

de ser um apêndice dessa pátria multicontinental e plurirracial, ou sei lá como os tucas chamam a isto agora”. (SILA, 2016, p. 35). Levando em conta o peso e o momento histórico que motivaram o proferimento das palavras, é possível relacionar diretamente o impacto ao surgimento da luta contra a dominação portuguesa em sua extensão.

Se não for um projeto considerado *a priori* intencional, certamente a narrativa relata o papel decisivo que muitos elementos tiveram, e tem, na construção de uma identidade para a nação, por resgatar aspectos históricos e vivificar eventos que muito contribuíram para a formação do Estado. Em cada etapa, naturalmente, ela parece ressignificar os termos nos quais a própria construção identitária foi pensada ou proposta, independentemente da escala referida: regional, étnica ou nacional, o que é natural, visto serem as condições contextuais e o ideário mobilizado nelas cambiante. É muito difícil, a não ser por arroubos românticos e/ou historicistas, estabelecer indelevelmente um fio condutor único ligando gerações, ideias, projetos políticos e contextos distintos.

Na história subliminar, é importante relatar também que a República da Guiné-Bissau seria, nas palavras do líder do movimento de libertação, Amílcar Cabral, uma “nação forjada na luta” contra o colonialismo português. Atribuindo à luta de libertação a fundação do Estado-nação, a formação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), o acontecimento mais marcante da história política da Guiné-Bissau suas heranças coloniais mais comuns e que assume como argumento o carácter artificial das fronteiras. O PAIGC presunha que a unidade nacional entre os territórios da Guiné-Bissau e de Cabo Verde permitissem uma melhor compreensão e análise sobre o sistema colonial ao qual estavam subjugados, bem como a elaboração de estratégias coletivas de resistência contra o domínio eurocêntrico e os desejos de independência que são frequentemente resgatados e definidos na literatura:

[...] desse grande sonho de nós também termos brevemente a nossa Independência, o nosso Estado, o nosso Governo, a nossa Rádio e Televisão Nacional, o nosso Syli Nacional, o nosso Ballet Nacional. Tudo Nosso! [...] Lembrei-lhes que tal como o Partido dizia, dentro de pouco tempo a guerra ia acabar, o nosso país ia ficar livre, e voltaríamos para a nossa terra onde cada uma de nós teria o seu lar, num bairro moderno, construído de raiz. (SILA, 2016, p. 47 e 49).

Decerto, após a independência as fronteiras continuaram a não respeitar a heterogeneidade étnica e linguística existente, e ainda “não existe uma legitimidade e continuidade territorial para a nação guineense, que não seja a imposta pela presença colonial” (LOPES, 1988, p.

61). Fatores que certamente fomentam até hoje o ideal coletivo da utópica libertação em África, elementos corriqueiros na fala da protagonista em *Memórias SOMânticas*:

Descobri o significado mágico de tornar-se africano, o fascínio da independência. Vários países africanos iam ficando independentes e deles vinham notícias maravilhosas. Era um mundo novo que estava a crescer, um sonho a tornar-se realidade. Olhar para toda a gente, mesmo para o branco de igual para igual, ter um nome próprio sem ser pseudônimo nem alcunha de branco num bilhete de identidade sem - B, poder ir à escola sem ter que usar uma peruca, vestir a nossa roupa e falar a própria língua sem complexos nem remorsos, viver em paz e harmonia com toda a gente! Oh, como era fascinante assumir-se africano! (SILA, 2016, p. 38).

Os pensamentos, desejos e propostas notadamente comungam com as propostas do PAIGC, esse partido de vanguarda que representava e confundia-se com o Estado-nação em construção. Para Fanon (1961), ao defender que o colonizador faz o colonizado, a luta anticolonial teve ainda por objetivo criar um “homem novo” liberto da exploração colonialista, capaz de destruir as ideias e os hábitos corruptos herdados do passado, desenvolvendo o espírito científico para eliminar a superstição, promovendo a emergência de uma cultura nacional. Chamamos atenção aqui para a importância da consciência sobre o caráter político vinculado à construção dos heróis nacionais – tão prechos de “tradições inventadas”, processo atrelado a tentativas de politização de memórias históricas. Contudo, e por mais relevantes que sejam os meandros do problema, a análise desse complexo jogo de produção política da história vai além dos objetivos desta análise.

A língua como herança narr(ativa)

O ensejo histórico do narrado nos reporta, sobremaneira, aos países que recentemente atravessaram duras e sucessivas guerras civis. Isso nos faz perceber que a produção literária de Sila se volta quase que integralmente para a busca de uma coerência nacional e, acima de tudo, uma identidade africana, como elementos principais da construção de suas temáticas em suas realizações literárias. Para estes, “entre a decadência das divindades da terra e o martírio dos visionários a dignidade prevalecerá”. (SILA, 2016, p. 39). Dessa forma, por mais que os vários agentes da historiografia africana tenham tentado buscar um equilíbrio literário, as contradições e a necessidade de afastar os espectros resultantes de um passado nebuloso ganham espaço em

Memórias SOMânticas, mostrando quão grandes e profundas são as cicatrizes do processo de dominação aos quais a Guiné-Bissau foi condicionada.

É contraditório dizer que, tanto em *Memórias SOMânticas* quanto em outras obras de Abdulai Sila, pudemos observar que uma das armas ou heranças mais ricas que os colonizadores puderam deixar, apesar de toda espoliação e fragmentação do povo da Guiné-Bissau, foi a língua portuguesa. Silviano Santiago (1978) aponta que a dominação cultural se deu, em um dos seus fundamentos, questionando sobre a “verdadeira Língua” local, fato que ocasionou uma desfiguração cultural e a proibição das línguas autóctones, por serem incompreensíveis para o colonizador. Porém, apesar de toda repressão, os idiomas nacionais, a exemplo do crioulo, continuaram vivos e ativos, compondo o centro de referência para as comunidades étnicas, não tendo jamais perdido seu *status* de meio de comunicação e de expressão familiar e grupal, fortalecendo inclusive os laços entre estes: “*ici il faut se débrouiller deh* [aqui temos que nos defender]” (SILA, 2016, p. 41). No texto evidenciamos que esse fato estimulou uma necessidade maior e mais coerente entre os nativos, a troca e a negociação, não somente com os portugueses em relação à língua, mas também entre os próprios africanos, no intuito de fortalecer suas relações e culturas:

Quando cheguei a Conacri em pleno mês de agosto, sabia que as coisas não iam ser fáceis [...] No início éramos só duas, mas depois passamos a ser três mulheres a dormir na mesma cama, num quarto de uma casa de um conterrâneo que pra cá tinha imigrado antes do início da luta. O homem era simpático sempre com um sorriso no rosto, mas não falava bem kriol. A mulher dele era originária de uma tabanca perto de Cacine, mas das línguas de nossa terra só falava süssu. [...] Ela ia ensinar-me süssu, que era das línguas mais faladas em Conacri, e eu kriol a ela. Depois acrescentei o francês ao pacote negocial e saí a ganhar... (SILA, 2016, p. 41, 42).

Essa pluralidade de línguas que observamos em pequenos espaços geográficos, como trazido no ensejo, são características comuns do ambiente África. No caso da língua portuguesa, a história narra que esta passa a coexistir com outras línguas autóctones, diante desse cenário plurilíngue, cabendo a ela, como língua exógena, assumir o papel de língua neutra que possibilitasse o estabelecimento da comunicação do país africano não apenas externamente, mas também, e principalmente, internamente, uma vez que a adoção de uma língua oficial comum pode contribuir e propiciar a formação de uma identidade nacional. Em Eni Orlandi (2009) observamos que o estabelecimento de uma língua nacional, ou oficial, decorre muitas vezes de disputas, de conflitos e/ou acordos, pois as línguas são “práticas simbólicas” nas quais “relações de poder

regem seu funcionamento e é impossível pensá-las fora dessas condições [...] político-históricas” (ORLANDI, 2009, p. 211).

É relevante comentar que o processo que define a língua nacional, conforme essas condições, variou de uma nação à outra. Em algumas houve a imposição de uma língua “padrão” diferente do uso popular, tornando-se a língua da administração, do governo, a que deveria ser ensinada nas escolas; em outras não havia diferenças significativas entre o uso oficial e o popular. Em muitos casos, por haver mais de uma língua no território, uma é escolhida como oficial e depois adquire o estatuto de língua nacional, mas as razões e as consequências dessa escolha não são as mesmas em todos os lugares. Eric Hobsbawm (2011) cita vários exemplos, como o da pequena burguesia emergente que apelava para o uso da língua popular como a língua da nação, ou quando os intelectuais buscavam as “raízes” do povo. Em outros casos, ao contrário, as classes dominantes resistiam em assumir uma língua popular, muitas vezes utilizando uma língua estrangeira, se fosse a de prestígio ou de garantia de negócios (HOBSBAWM, 2011, p. 127-140).

O que realmente queremos frisar é a importância da língua portuguesa como alicerce de uma literatura nacional, pois observamos em Sila a seriedade do desejo da construção de uma literatura de língua portuguesa da África ocidental e de (re)desenhar o mapa histórico do período colonial, na tentativa de (a)firmar a identidade dos bissau-guineenses. O autor toma a literatura em língua portuguesa como arma contrária ao discurso da colonização, (re)apropria-se dela, no sentido de projetar a cultura e as identidades africanas a partir do interior da própria cultura e da centralidade que as define. Com isso, Sila pode ser lido em vários continentes, propagando para além de suas fronteiras todas as nuances da Guiné-Bissau, uma comunidade, segundo Abdala Júnior, em vias de ascensão:

Uma comunidade ibero-afro-americana assim imaginada em termos de futuro [...] não se voltaria para os símbolos do passado, mas permitiria reimaginar a nação, cada uma das nações, numa relação mais estreita e aberta. (ABDALA JÚNIOR, 2002, p. 74).

Essa ideia proposta por Abdala Júnior ilumina o estudo comparativo de literaturas de língua oficial portuguesa, pois aponta para um dado que deve ser levado em consideração: há entre esses países uma tradição histórico-cultural comum, atravessando as manifestações artísticas. As produções literárias partem de um mesmo lugar, por meio de construções dos tempos

coloniais em um constante processo de aproximações e diferenciações. A partir desse movimento de comunicação em língua portuguesa, onde há um passado comum, já que tiveram um mesmo colonizador, abre-se a possibilidade de uma sequência ideológica, que será um indicativo para o que ele convencionou chamar “macrossistema”. Esse sistema é um campo comum de contato entre as literaturas nacionais. Ressalte-se que é abstrato e alimentado pelo passado comum dessas nações como também alimentado concretamente pela diversidade de produções literárias nacionais. É essa diferenciação que permite as divergências históricas e formas de ruptura de modelos culturais tradicionais. Nota-se que a ideia de macrossistema apresenta um caráter político, com a finalidade de situar as produções literárias de língua portuguesa no cenário internacional.

O elemento feminil em meio à dor

Talvez só rivalizando com o amor, ou tantas vezes magnificamente combinada com ele, a guerra tem sido, ao longo da história, tema de inspiração para as grandes narrativas em muitos ambientes como África. Abdulai Sila, em *Memórias SOMânticas*, mostra-se repetidamente inspirado pela tragicidade da guerra em suas variadas fases e faces históricas, ora exaltando o amor à pátria, ora (re)desenhando o amor e a paixão entre as personagens. Em *Memórias SOMânticas* este se propõe a narrar o amor em meio à guerra, fato que se torna evidente desde o título: “*Memórias*”, faculdade pela qual o espírito conserva ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço; “*SOMânticas*”, palavra que de início causa certa curiosidade e que, na realidade, revela-se com um acróstico nas primeiras letras: *Speak Only Memories* [Falar apenas memórias], naturalmente românticas, fazendo brotar a leviandade do sonho. A personalidade que protagoniza a narrativa vive uma história marcada por uma longa e sinuosa caminhada em busca da utopia, em que o discernimento nem sempre se impõe. Dissimulada algures na fronteira entre a loucura e a paixão, forja-se a certeza de que nasceu para uma missão: narrar o amor e a utopia em suas variadas tonalidades.

Construímos um mundo plural, onde todas as cores do arco-íris se fundem sem nunca se confundirem. Recuperamos a palavra e, abençoando-a fizemos com que a magia da narração sustentasse os novos limites da razão. Muito além do verbo e da doutrina. (SILA, 2016, p. 123).

De início a protagonista demonstra certo trauma pela figura masculina, e logo um rapaz da escola faz com que tais pensamentos caiam por terra: “Essa infalibilidade reforça-se todos os dias, após cada encontro com ele, o meu homem, o rapaz que conheci na escola e que vinha sendo meu” (SILA, 2016, p. 34), pois ambos, além do sentimento, comungavam do mesmo pensamento: “Limpar a sujeira da nossa terra” (p. 37). O narrado silariano parece, em determinados momentos, reproduzir e questionar os movimentos históricos das guerras, nos quais as mulheres se posicionavam nas periferias dos combates: em casa, na chamada *homefront*, nas fábricas de munições, nas enfermarias dos hospitais militares, na resistência, nos serviços militares, nos locais de prostituição e, ainda, na propaganda institucional, ora estimulando os homens a marchar, ora apontadas como o símbolo a defender pelos homens na frente de guerra.

O próprio discurso de militarismo que alimenta a guerra, com a sua marca de masculinidade, protetora das “mulheres e crianças”, é substituído por um discurso integrador que contempla a relação entre homem e mulher como a base da sociedade de paz que se quer construir. De fato, o que observamos em *Memórias SOMânticas* é que na protagonista reside a garantia do regresso a uma certa normalidade, ainda que com as lutas e os custos inerentes à libertação, em termos sociais e laborais, que a situação de guerra lhes trouxe, com os homens fora dos seus habituais locais de trabalho. A personagem parte em busca de seu amado em uma região chamada Conacri. Lá ela divide quarto com duas outras companheiras na casa de um conterrâneo o qual trabalhava num estabelecimento comercial que tinha posto à disposição do Partido.

Do convívio com as diferentes personalidades que encontrara, e por conta de um breve desentendimento motivado pelo local de dormida, ela tira uma de suas primeiras lições, máximas comuns das composições silarianas:

Eu não teria como me impor, pois para além de serem fisicamente mais fortes, eram ambas mais velhas do que eu, o que no nosso código de conduta era sinônimo de adicionais direitos adquiridos. Todas sabíamos que o primeiro macaco que chega à lagoa é o que bebe a água mais limpa, mas elas queriam alterar essa regra e ainda por cima por via da violência. [...] Aprendi uma das maiores lições de sempre: nada é grátis na vida, e no saber negociar é que está a verdadeira solução dos problemas. Quando se pretende uma coisa ou se está perante um problema, pequeno ou grande, há que conversar, negociar, dar alguma coisa para se poder receber outra. (SILA, 2016 pp. 43 e 49)

Na perspectiva silariana é importante considerarmos que os símbolos são constantemente (re)significados pela dinâmica da vida e das lutas. Isso denota que até aquilo que identificamos como origem cultural, é passível de ser (re)significado, à medida que agimos no

mundo. Por isso, a ideia de sempre voltar atrás e reivindicar o que ficou perdido não deve ser tomada como um eterno retorno ao passado, mas como a apropriação crítica desse passado de forma a uma melhor compreensão do presente e das possibilidades futuras. Para isso, seria necessário rejeitar as visões mumificadoras da cultura e pensá-la como um elemento que está em constante negociação e disputa. Mais do que isso, entender que essas negociações e disputas se dão de formas diferenciadas, a depender do tempo e espaço, mas nem por isso menos ou mais legítimas, híbridas.

Sobre essa discussão, Homi Bhabha ilustra uma categoria dessa “negociação” nos estudos pós-coloniais que certamente se encaixa no narrado em *Memórias SOMânticas*. Esse espaço de negociação de instâncias contraditórias produz lugares e objetivos híbridos de lutas e destrói as polaridades negativas entre o saber e os seus objetos. Para Bhabha, essa temporalidade da negociação ou tradução desmonta a dualidade do verdadeiro (verdade revolucionária) e o falso (falsa concepção ideológica); entre o bom e o mau. "Assim, cada negociação é um processo de tradução e transferência de sentido – cada objetivo é construído sobre o traço daquela perspectiva que ele rasura" (BHABHA, 1998, p. 53). É novamente a categoria do hibridismo que está sendo convocada, pois "o momento híbrido tem um valor transformacional de mudança que reside na rearticulação, de elementos que não são nem o Um nem o Outro, mas algo mais, que contesta os termos e territórios de ambos" (BHABHA, 1998, p. 55).

Depois de tempos sem notícias de seu amado, com um mundo de questionamentos a pairar, a protagonista coincidentemente encontra um combatente faminto que chegara após o expediente no local onde ela ajudava servindo refeições. Depois de providenciar algo para o homem quis saber notícias e qual foi sua surpresa quando este, diferentemente dos muitos outros aos quais ela já tinha questionado, mostrou-se sabedor de informações. E maior foi a surpresa ainda quando ela descobriu, numa página de jornal, a maneira como seu amado lutava no posto de combate. Ao passo que muitos usavam armas, ele lutava pela educação do povo em uma nítida referência à necessidade de investimentos em educação que muitos países de África precisam para reafirmar-se enquanto nação.

[...] com um jornal na mão. Ofereceu-mo e pediu que eu lesse logo ali. Tinha um comunicado do partido que dava conta do sucesso da nossa luta dentro e fora da nossa terra. Fiquei orgulhosa. Na página central trazia uma foto de um jovem guerrilheiro a dar aulas numa escola no meio da floresta. [...] À medida que se confirmava a minha suspeição inicial, ia crescendo dentro de mim a emoção, que não conseguia controlar. Lágrimas traiçoeiras começaram a pingar sobre o jornal. Dei-me a soltar soluços como uma criança. (SILA, 2016, p. 58).

Como visto, o ensejo nos remete a um projeto de transformação social por intermédio da educação e da escola, uma clara intenção de eliminação das diferenças por meio da revolução e fortalecimento cultural em meio à guerra. A necessidade da reedificação de valores, o partido, a nação e o Estado são temáticas históricas na Guiné-Bissau e que Abdulai Sila traz incessantemente para o campo literário. Nesse contexto, mais do que instruir ou educar as populações, *Memórias SOMânticas* relata o modelo de responsabilidade das escolas do PAIGC, que colocava o indivíduo a par de uma cultura universal, inculcando o conhecimento e o orgulho pela sua própria cultura e pela sua origem. Para além desses saberes, o ensino da língua portuguesa, da matemática, da formação militante eram elementos que buscavam criar as condições aptas a desconectar a Guiné-Bissau dos modelos estrangeiros de desenvolvimento alienante.

Memórias SOMânticas sugere ainda uma Narrativa como arma contra a dominação, pois ela, em momentos sucessivos e pontuais, traz o relato das representações coletivas que se mostram vivas, dando voz a cada indivíduo, sendo ao mesmo tempo parecidos e extremamente diferentes dentro de suas individualidades, realidades e suas percepções:

A vida é uma sucessão de momentos. Vários momentos colados uns aos outros, nos quais por conveniência ou por inaptidão, raramente conseguimos distinguir o fim de um e o início do outro. Tudo tão perto, tudo tão alegórico, tão interdependente! É como num filme de ficção científica, iludimo-nos com a falsa percepção dos nossos sentidos. A realidade é uma coisa, o nosso preconceituoso entendimento dessa mesma realidade é outra coisa. Às vezes próximas, mas sempre distintas. Nunca idênticas. (SILA 2016, p. 61).

Do excerto é importante comentar que, apesar das lacunas em termos temáticos, a hipótese da literatura que enseja o amor e a guerra colonial em África pode servir como prolegômeno a estudos sociológicos e psicossociológicos, quer pela hermenêutica a que faz implicitamente apelo, quer por incluir intencionalmente o recurso a testemunhos diretos. De fato, *Memórias SOMânticas* nos permite adentrar o universo do imaginário e a partir dele no campo das representações, todavia, Silvio Carvalho (2016), acerca de Abdulai Sila, nos testifica que “aquele que escreve é um ser histórico e, como tal, dever ser analisada a sua escritura”. (CARVALHO 2016, p. 26). Sendo histórico ou contemporâneo, o amor em suas variadas vertentes sempre se fez presente no narrado silariano, dando o real sabor das linhas que nos propomos a degustar.

A narração da tragicidade e a construção da utopia

A problemática do sujeito pós-colonial em Abdulai Sila, como muito já mencionado, está intimamente relacionada com as amarras coloniais que ainda se fazem presentes. Se, na tragédia clássica, os heróis eram vítimas da moira, por sobrepujar seus espaços delimitados, na pós-colonialidade o sujeito vivencia a tragicidade, por não saber qual espaço lhe é próprio, ou por buscar constantemente seu espaço de direito; em outras palavras, há uma crise do sujeito. Em Glenn Most (2001), observamos a tragicidade ou o trágico como “uma categoria metafísica desenvolvida a fim de descrever a condição humana”. (MOST, 2001, p. 24). Num movimento reflexivo, tal infortúnio se expressa na revelação do ser a si mesmo e na incapacidade de o sujeito poder controlá-la. Esse movimento de autodescobrimento, deriva e gera, simultaneamente, a separação ontológica, que é o possibilitador da tragicidade, e este, por sua vez, fomentador das utopias:

Eu sonhava ser professora, não enfermeira. Eu queria educar para criar algo novo, não concertar ou remendar. [...] O que a vida me ensinou é que há coisas que as vezes acontecem que simplesmente não se encaixam naquilo que se assume como sequência natural ou lógica das nossas ações, como fruto do empenho na concretização dos nossos sonhos e desejos. E quando esses acontecimentos ocorrem, por mais insignificantes, ilegítimos ou injustificáveis que aparentem ser, é toda uma vida que muda de rumo. (SILA, 2016, p. 63)

O recorte aponta para as possibilidades citadas, de modo que a utopia e a tragicidade se mostram atenuadas pela máscara do desejo e da necessidade: o desejo configurado como o crescimento há muito cerceado e que em frágeis suspiros tenta sobreviver; a necessidade como a representação impositiva de uma realidade que não cessa. Para Most, “a vida só pode parecer trágica quando, por um lado, nós ainda mantemos a expectativa de que o mundo deveria ter sentido, mas, por outro, não estamos mais certos de que há um deus que garante o seu sentido”. (MOST, 2001, p. 35). Tais elementos se apresentam contornando as trajetórias de vida, e estas, por sua vez, transformando a tragicidade própria de suas condições, muitas vezes de mulher e negra africana em artefatos que legitimam sua representação sobre o fortalecimento de uma identidade nacional. Abdulai Sila traz na protagonista da obra uma lição que encoraja e reposiciona o presente em trilhos que vagarosamente buscam um horizonte em detrimento de todo um passado hostil.

No desenvolvimento do romance percebe-se uma esquematização objetiva expressa tanto na construção das personagens quanto na própria construção da narrativa. O romance mescla fatos históricos e políticos com as personagens ficcionais, logo, a verdade se junta à

ficcionalidade, criando um conjunto de intencionalidades sensíveis aos ideais nacionalistas defendidos pelo autor. A narração do trágico na vida da protagonista se mistura com a tragicidade da história da Guiné-Bissau em seus variados momentos, tornando-se evidente no autor um esforço de vencer a amnésia social, com vistas a manter vivas as recordações das violências e das arbitrariedades colonialistas sentidas até hoje.

Sobre o trágico que paira em limiar ao amor na obra, tal aspecto se mostra mais espesso quando a protagonista, depois de intensa busca pelo paradeiro de seu amado, o encontra e juntos, mesmo timidamente, reacendem o sentimento há muito atenuado pela distância e infortúnios da guerra:

Vivi a memorável paixão do guerrilheiro e sinto-a impregnada em tudo quanto sou. No corpo e na alma. Até nos sonhos agora. Libertei-me de vez da dúvida. Aquele homem era meu. Tal como o filho que se mexia no meu ventre. (SILA, 2016, p. 75-78).

Nessa perspectiva, pode-se, portanto, pensar na tragicidade como a história dos desejos não consumados, na desesperança dos possíveis não realizados, das ideias não consumidas. Tal produção no narrado teria por consequência de se vincular a representações de África que ficaram marginais do sucesso dos fatos. Porém, em Abdulai Sila a possibilidade do êxito bebe na inevitabilidade da utopia. Elementos estranhos no êxito, mas nem por isso ausentes formando o fundo humano de que se alimentou a literatura guineense, caminho pelo qual *Memórias Sô-Mânticas* se presta privilegiando uma narrativa social. No narrado, não apenas o encontro é possível, mas também o renascimento e a consumação desse amor tendem a frutificar.

Contudo, o trágico no romance possui amarras ainda mais profundas e resistentes e que a narrativa relata, justamente por refletir a realidade pós-colonial subjacente em África, uma realidade que não tarda em maximizar o fardo de uma vida:

Cuidei das roupas dos dois. Pai e Filho iam vestidos de balalaica da mesma cor. Preparei o mata-bicho [dejejum] cedo e servi na tigela mais nova que tinha. [...] Adorei vê-los a comer juntos, em silêncio, com muito apetite. Quando acabar a guerra e voltarmos para a nossa terra, prepararei sempre pratos deliciosos só para vê-los assim, a comer como crianças. [...] Vamos reunir as famílias que a guerra separou e, definitivamente, cultivar o amor e a fraternidade. Quando o camião chegou, acompanhei-os até a varanda, ficamos os três abraçados durante alguns instantes. Depois dei um beijo em cada um. [...] Estavam muito felizes e animados os dois homens da minha vida. [...] Era o ruído do camião nos ouvidos e as pancadas no peito. Não me lembro de mais nada. Quando acordei estava na nossa enfermaria. Havia muita gente à minha

volta e um telegrama que ninguém parecia querer ler. — Infelizmente nenhum camarada sobreviveu... (SILA, 2016, p. 84-85).

A perda irreparável e a dor podem em princípio parecer a rendição e a prostração em meio à luta de toda uma vida de sonhos construídos. Entretanto, se por um lado o trágico guineense tende ou tenta espelhar uma mulher sofrida, oprimida e “decaída” do ponto de vista simbólico, por outro, na contramão dessa lógica, Abdulai Sila nutre a sua protagonista de muita força, sabedoria e determinação – aspectos que desembocam em uma conduta claramente social. Em Márcio Seligmann-Silva, “a memória do trauma é sempre uma busca de ‘compromisso’ entre o trabalho e a memória individual e outro construído pela sociedade” (SELIGMANN-SILVA, 2000). Talvez o compromisso ao qual Seligmann-Silva se refira seja o motivo pelo qual escritores como Abdulai Sila produzam literaturas “sócio-nacionalistas” e trazem para essas narrativas personagens que tiram do trauma a força para ajudar e se doar em prol da coletividade:

Há certas coisas que a gente não escolhe na vida e tendo-as não se pode escondê-las por mais que queira. São traiçoeiras e indomáveis. As sequelas desta guerra é uma delas. Lutámos, matámos, morremos, ressuscitámos. Um controverso e interminável ciclo de paixões e violência, do qual ninguém sai ileso. [...] Quando reergui a cabeça e encarei a vida de frente, senti que ela tinha algo pra mim, sim. Saí à procura. Perdi um filho, a vida tinha vários para mim. Aceitei-o todos. Eram mais de duzentos num internato. [...] Ela tinha uma oportunidade de se apaixonar de novo, não por uma pessoa, mas por uma causa. Uma causa que encantava centenas de milhares de concidadãos. (SILA, 2016, pp. 87/105).

A resignificação do trágico observada no excerto é uma das grandes práticas silarianas em suas obras, que tem a importância de (re)construção dos códigos culturais da sociedade bissau-guineense. O que para Joseph Ki-Zerbo (2006), em sua frase “N'na laara, na saara” (KI-ZERBO, 2006, p. 5), traduzido como [Se nos deitarmos, estamos mortos], contém aquilo que percebemos ser o elemento motivador da escrita de Abdulai Sila: a indignação e a luta por mudanças. Com isso, constata-se ainda, uma sistemática denúncia desse trágico esquecimento e menosprezo que os autores apontam e contextualizam, numa reconfiguração metaforizada justamente como parte integrante de uma nova narrativa da nação.

Considerações Finais

Narrativas de nação em países como a Guiné-Bissau têm cumprido uma valorosa missão, trazendo os castigados e sofredores das práticas e dos discursos nacionalistas para o centro de suas narrativas. Esse espaço literário no qual as minorias narram suas vivências, em vez de serem apagadas em nome de um todo homogêneo, é o cenário no qual as vozes se encontram e se desencontram na reconstrução de seus relatos individuais e coletivos, cuja concepção do tempo é múltipla, plural, compreendendo que passado e presente dialogam e se refazem, apresentando a crueza das tensões e dos questionamentos de muitos que ficaram e se converteram em viventes de semivida, como nos coloca Homi Bhabha. “A vida é uma sucessão de momentos. Vários momentos colados uns aos outros, nos quais, por conveniência ou inaptidão, raramente conseguimos distinguir o fim de um e o início do outro”.

Dessa forma, sintonizados com as questões de seu tempo e espaço, um grande e qualitativo número de escritores africanos de língua portuguesa, como Abdulai Sila, têm feito de suas escritas um projeto literário que reflete algumas dessas questões sinalizadas. Podemos afirmar que *Memórias SOMânticas* traz inscrita em sua urdidura uma percepção do narrar como condição para o resgate da memória – e, desse modo, quem narra torna-se sujeito da sua his(es)tória e não apenas objeto de um discurso pedagógico. Grande parte das narrativas contemporâneas, especialmente as ditas pós-coloniais, se pudermos fazer essa generalização temerosa, buscam, de um modo ou de outro, puxar os fios que aparentemente amarram de maneira tão coesa as histórias e as identidades de seu povo, mostrando que outras urdiduras são sempre possíveis.

É sob essa ótica que o aspecto político eclode e se mostra atuante nas personagens, propondo em seus espaços exíguos que o individual seja imediatamente ligado à política, tornando necessário e indispensável à divulgação e à publicização que a literatura faculta, aumentado ao microscópio, na medida em que muitas outras histórias se agitam nele.

Referencial

ABDALA JUNIOR, B. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

ABDALA JR. Benjamin. *Literatura, história, política: literaturas de Língua Portuguesa no século XX*. São Paulo: Ática, 1989.

AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombros: a literatura guineense e a narração da nação*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ, 2005. 387 p.

- AUGEL, Moema Parente. *A nova literatura da Guiné-Bissau*. Bissau: INEP, 1998.
- BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BHABHA, Homi K. Disseminação: tempo, narrativa e as margens da nação moderna. In: GUSMÃO, Manuel. Da literatura enquanto construção histórica. In: BUESCU, Helena et al. *A floresta encantada: novos caminhos da literatura comparada*. Tradução de Alexandre Dias Pinto. Lisboa: Dom Quixote, p. 533-573, 2001.
- CABRAL, A. *Guiné-Bissau: A nação africana forjada na luta*. Lisboa: Nova Aurora, 1974.
- CANDIDO, A.; GOMES, P. E. S.; PRADO, D. de A.; ROSENFELD, A. *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. *Angola: História, Nação e Literatura (1975-1985)*. Curitiba: Prismas, 2016.
- DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- DAVIDSON, B. *A libertação da Guiné: aspectos de uma revolução africana*. Lisboa: Sá da Costa, 1975.
- DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HOBBSBAWM, E. J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- KI-ZERBO, Joseph. *Para quando África? Entrevista com René Holenstein*. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- KUKUL, V. M. *O quarto fechado, de Lya Luft: uma ilha que emerge na noite*. 93 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2005.
- LOPES, C. *Para uma leitura sociológica da Guiné-Bissau*. Bissau: INEP, 1988.
- MOST, Glenn. Da tragédia ao trágico. In: ROSENFELD, Kathrin H. *Filosofia e literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000.
- ORLANDI, E. P. Processo de descolonização linguística: as representações da língua nacional. In: GALVES, C. et al. (Orgs.). *África – Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p. 211-224.

RENAN, Ernest. What is a nation? In: BHABHA, Homi K. (Ed). *Nation and narration*. London and New York: Routledge, 1995.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SILA, Abdulai. *Memórias SOMânticas*. Ku Si Mon Editora Lda. E Abdulai Sila. Bissau – Guiné-Bissau, 2016.

Recebido em 25 de abril de 2018.

Aceito em 23 de junho de 2018.